

MANOEL SANTANA – Regente dos Potiguara na primeira metade do Século XX. Sediado na aldeia São Francisco (Baía da Traição), representava o amplo conjunto de famílias indígenas distribuídas ao longo das margens dos rios Camaratuba, Sinimbu, Grupiúna, Silva, Jacaré e no estuário do rio Mamanguape. As primeiras visitas do Serviço de Proteção aos Índios-SPI se deram no período em que estava à frente da liderança dos Potiguara exercendo diversas atividades de mediação entre as famílias indígenas e outros grupos sociais: padres, comerciantes, proprietários de terras, arregimentadores de mão-de-obra, os industriais Lundgren, pesquisadores da Missão de Pesquisas Folclóricas, agentes do SPI, entre outros.

O título de Regente vinha desde o período do Brasil Império e comportava obrigações rituais e políticas, como a arrecadação de fundos (dinheiro, velas e fogos) para a festa do padroeiro São Miguel, “a prerrogativa de falar primeiro com visitantes”, intermediação em contratos de trabalho e empreitadas para corte e fornecimento de madeira, autorização para moradores não-indígenas fixarem-se nas terras na aldeia, etc. A fiscalização dos limites das terras e a intermediação de conflitos em nível local também eram parte das atividades desenvolvidas pelo Regente.

No início dos anos 1920, Manoel Santana lidera um grupo de *caboclos do sítio* (indígenas da aldeia São Francisco) numa viagem ao Rio de Janeiro, onde procuraram o Marechal Rondon no Serviço de Proteção aos Índios em busca de proteção com relação às invasões de terras realizadas na Baía da Traição pelos irmãos Dantas. O curioso é que, nesta viagem, os Potiguara contaram com o apoio do Coronel Frederico Lundgren, outro notório invasor de terras indígenas na região, principalmente na área da aldeia de Monte-Mór. No retorno da viagem, Manoel Santana tem sua posição de Regente dos Índios confirmada por Rondon, agregando uma dimensão de legitimidade a mais à liderança que já exercia. Tal fato contribuiu para a manutenção de melhores condições de controle indígena sobre as terras da Baía da Traição nas décadas seguintes.

É a partir daí que se consolida uma memória histórica entre os Potiguara sobre o *tempo de Mané Santana*, como um período de relativa tranquilidade e grande autoridade moral e material da figura do Regente, que agregava às suas atribuições rituais e tradicionais, o status político do reconhecimento oficial da condição de líder e a proximidade com os poderosos industriais da família Lundgren.

Quando o inspetor do SPI, Dagoberto de Castro e Silva, visita os Potiguara no ano de 1923 ele registra uma estatística de 442 indígenas e cita a família de Manoel Santana vivendo na aldeia São Francisco. Chama Manoel de chefe e diz que este é casado com Porfíria Thereza, e o casal tem os filhos: Sebastiana (13 anos), Josefa (10), Severina (8), Rosa (6), Daniel (5) e Maria (2).

Quando o SPI instala definitivamente o Posto Indígena na Baía da Traição (anos 1930), Manoel Santana muda-se para as imediações do Posto com sua família e passa a receber o título de Tuxaua, dando início à uma vasta descendência que carrega o sobrenome Santana e de onde saíram vários líderes indígenas nas décadas seguintes para cargos de cacique, chefe de posto e, até mesmo, prefeito.

Manoel Santana faleceu no ano de 1942 e sua sucessão foi marcada por sérios conflitos envolvendo os indígenas da aldeia São Francisco e a Chefia do Posto do SPI, cada lado

apontando uma pessoa diferente. O Chefe do Posto decide colocar o genro de Manoel, o índio conhecido como João Batista. Porém, os *Cabocos do Sítio*, como são conhecidos os habitantes de São Francisco, já haviam escolhido Pedro Ciríaco para representá-los. Pedro Ciríaco havia sido uma espécie de ajudante de Manoel Santana, e para uma parte dos índios seria a escolha natural para a sucessão na chefia. Deu-se o impasse e foi convocada uma reunião no Posto para decidir-se quem seria o novo líder dos índios. Nesta reunião, o conflito chegou ao momento máximo e, a partir daí, iniciou-se um longo processo de divisão nas linhagens de lideranças Potiguara, que só serão reunificadas no começo do Século XXI. Uma linhagem, relacionada ao SPI, passa a ser assumida por Daniel Santana, filho de Manoel. A outra linhagem, encarnando o espírito independente dos indígenas da aldeia São Francisco, foi assumida por Pedro Ciríaco.

#### FONTES:

MOONEN, Frans & MAIA, Luciano Mariz. Etnohistória dos Índios Potiguara: Ensaios, Relatórios e Documentos. João Pessoa: PR/PB-SEC/PB. 1992.

\_\_\_\_\_. (Orgs). História dos índios Potiguara: 1500-1983. 2 ed. Digital. Recife, 2008a.

PALITOT, Estêvão Martins. Os Potiguara da Baía da Traição e Monte-Mór: história, etnicidade e cultura. Dissertação de mestrado, PPGS/UFPB. 2005.

VIEIRA, José Glebson. A (im)pureza do sangue e o perigo da mistura: uma etnografia do grupo indígena Potyguara da Paraíba. Curitiba. Dissertação de Mestrado. PPGAS/UFPR. 2001.

VIEIRA, José Glebson. Amigos e competidores: política faccional e feitiçaria nos Potiguara da Paraíba. Tese (doutorado em Antropologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.